

Boa Nova para cada dia / março 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Tríduo Pascal)

Tempo da Quaresma – Domingo de Ramos na Paixão do Senhor

Tempo Pascal – Tríduo Pascal / Vigília Pascal

Qui, 1 – SEMANA II DA QUARESMA

Jer 17, 5-10 / Slm 1, 1-4.6 / Lc 16, 19-31

Para retribuir a cada um (...) conforme o fruto das suas obras. (1ª Leit.)

Não basta fazer alguma coisa boa, também nos temos de preocupar com o fruto dessa ação. Por exemplo, se a ação está adaptada a quem é dirigida, se não fazemos sempre a mesma coisa, independentemente do interlocutor, se a altura da ação é a melhor, etc. O fruto da ação depende de um conjunto de circunstâncias que condicionam a maneira como é feita. O leitor peça a ajuda do Espírito Santo para que as suas ações sejam adaptadas às pessoas a quem são dirigidas.

Sex, 2 – SEMANA II DA QUARESMA / 1ª SEXTA-FEIRA

Gen 37, 3-4.12-13a.17b-28 / Slm 104 (105), 16-21 / Mt 21, 33-43.45-46

Jacob gostava mais de José que dos seus outros filhos. (1ª Leit.)

Em determinadas circunstâncias, é normal ficarmos tristes se alguém gosta mais de um parceiro do que de nós. Mas também podemos encarar essa circunstância como um convite a amarmos mais. Um convite a superarmos-nos, a superarmos essa tristeza e a amarmos mais as pessoas à nossa volta ou uma pessoa, especificamente. Às vezes, é muito difícil. Quando não nos sentimos amados, temos tendência a fecharmo-nos sobre nós próprios. Mas Deus é o Amor. O leitor reze-Lhe.

Sáb, 3 – SEMANA II DA QUARESMA / 1º SÁBADO

Miq 7, 14-15.18-20 / Slm 102 (103), 1-4.9-12 / Lc 15, 1-3.11-32

Qual é o Deus (...) que perdoa o pecado e absolve a culpa? (1ª Leit.)

Deus perdoa-nos o pecado e absolve-nos a culpa. Não nos atira o pecado à cara, muito pelo contrário. Mas há um pecado difícil de perdoar, que é aquele que persiste; pecado de que não nos conseguimos livrar. Quanto a esse, a única coisa a fazer é pô-lo nas mãos de Deus. Deus tratará dele. Tenhamos fé e coragem.

Dom, 4 - DOMINGO III DA QUARESMA - ANO B

Ex 20, 1-17 / Slm 18 (19), 8-11 / 1 Cor 1, 22-25 / Jo 2, 13-25

Logo no início do Evangelho segundo S. João, nas bodas de Canaã, Jesus mostra-nos onde «mora» Deus: na alegria e no amor. Logo a seguir a este *signal* em que a água é transformada no vinho da alegria, aparece-nos o Evangelho deste domingo: *a purificação do Templo*.

Jesus entra no Templo de Jerusalém, a morada de Deus na terra por excelência, e o que encontra? O amor e a alegria que acabou de anunciar com o *signal* de Canaã da Galileia? Não. Entra com um «chicote de cordas» porque o que encontrou foi bem diferente. É bem difícil imaginar o que seria alguém entrar no Templo com um chicote. O que pensaríamos nós se alguém entrasse numa das nossas igrejas ou santuários barafustando, com um chicote em riste, porque tinha encontrado uma grande algazarra num local de oração? Provavelmente, diríamos que se tratava simplesmente de um louco, um louco inconveniente, mas

simplesmente um louco. Será que nos questionaríamos sobre a nossa postura?

O gesto de Jesus terá, com certeza, desconcertado aqueles que o viram, mas é preciso que olhemos para este gesto dentro da tradição profética, porque as suas consequências são sobretudo simbólicas: o que poderia mudar um homem sozinho, com um chicote, num templo tão grande como o de Jerusalém? O gesto de Jesus é profético em dois sentidos: em primeiro lugar, Jesus mete-Se dentro da tradição profética, que denunciava os interesses dos poderosos que dominavam o Templo, os quais, em vez de servirem o povo, se serviam do povo para proveito próprio. Em segundo lugar, é um gesto profético a ser compreendido como são os gestos de Jeremias: antecipa simbolicamente aquilo que acontecerá a Jesus. O chicote, símbolo do mal, cairá sobre Jesus, o verdadeiro Templo do Pai. Ele mesmo, Palavra

do Pai, é o Novo Templo que será destruído pelos poderosos, mas ao terceiro dia ressurgirá.

Deus, o Templo e o Homem são três realidades que mudam segundo a imagem que temos de Deus. Se Ele é alguém que tudo domina, com mão forte e poderosa, então, para nós, a pessoa de sucesso será aquela que é poderosa, rica e forte; o Templo será lugar de opressão porque é o lugar daquele que tudo

domina. Quem discorda dele é condenado. Mas se Deus é alguém que Se mete na fila dos pecadores, que serve, que Se ajoelha diante de nós para nos lavar os pés, se Deus é Aquele que vem para os pecadores, para os miseráveis, para os pobres, então a pessoa verdadeiramente realizada é aquela que, como Ele, é humilde, ama e serve os irmãos; e o Templo será, então, o lugar da comunhão, do amor e do serviço.

Seg, 5 - SEMANA III DA QUARESMA

2 Reis 5, 1-15a / Slm 41 (42), 2.3; 42 (43), 3.4 / Lc 4, 24-30

Se o profeta te tivesse mandado uma coisa difícil, não a terias feito? (1ª Leit.)

Nós temos muito a noção de que o que custa muito esforço é que tem valor. Ou que o que é caro é que tem valor. Veja-se as joias. Será que as pessoas cobiçariam tanto os diamantes se os maiores custassem vinte euros? O que tem valor é o amor. Às vezes, amar é fácil, outras vezes, difícil. O amor tem mais valor quando é difícil? Então, a pessoa cuja vida foi mais fácil tem menos valor? O valor está no amor que se põe nas coisas. O leitor reze por isso.

Ter, 6 - SEMANA III DA QUARESMA

Dan 3, 25.34-43 / Slm 24 (25), 4bc-5ab.6-7bc.8-9 / Mt 18, 21-35

... dai glória, Senhor, ao vosso nome. (1ª Leit.)

Claro que isto é só uma expressão humana que, neste caso, significa pedir ajuda a Deus. Porque Deus não pode ter mais glória do que já tem, porque Deus já é infinito. Quando pedimos ajuda a Deus, estamos a manifestar a nossa necessidade de Deus. Ora, Deus precisa desta manifestação. (Não quer dizer que a verbalizemos. Mas temos de a manifestar.) Porque Deus, que pode tudo, não quer entrar dentro de nós sem nós querermos. O leitor reze para que Deus Se manifeste dentro de si.

Qua, 7 – SEMANA III DA QUARESMA

Deut 4, 1.5-9 / Slm 147, 12-13.15-16.19-20 / Mt 5, 17-19

... nem o deixeis fugir do pensamento em nenhum dia da vossa vida. (1ª Leit.)

Quanto mais memória temos de algo, mais ligação temos a essa circunstância. É por isso que não devemos deixar Deus fugir do nosso pensamento nenhum dia da nossa vida. Mas claro que não é pensar em Deus sem mais. Podemos pensar naqueles momentos que nos marcaram, podemos pensar em como é que vamos amar mais a Deus, podemos falar com Ele. Uma infinidade de coisas para não nos esquecermos d'Ele. O leitor peça inspiração ao Espírito Santo.

Qui, 8 – SEMANA III DA QUARESMA

Jer 7, 23-28 / Slm 94 (95), 1-2.6-9 / Lc 11, 14-23

Escutai a minha voz e Eu serei o vosso Deus. (1ª Leit.)

Temos de escutar a voz de Deus. Com isto, não quero dizer escutar Deus ao ouvido. Santo Inácio de Loiola ensinou-nos que Deus nos fala através de inclinações interiores, muito subtis, muito lá no fundo de nós mesmos. Mas nem sempre as conseguimos sentir/perceber. Ou nem sequer sabemos o que isso é. E não é por isso que deixamos de poder ouvir Deus. Não O ouviremos como a voz de uma pessoa. Mas ouvimos no sentido em que podemos saber – o melhor que conseguimos – a sua vontade. A sua vontade é que amemos sempre mais e melhor. Mais e melhor do que isto não sei dizer ao leitor. Tem o leitor de aplicar na sua vida...

Sex, 9 – SEMANA III DA QUARESMA

Os 14, 2-10 / Slm 80 (81), 6c-11ab.14.17 / Mc 12, 28b-34

Amá-los-ei generosamente. (1ª Leit.)

Saber que Deus nos ama generosamente é um conforto, apesar de ser uma redundância. É uma redundância porque já sabemos que Deus não só nos ama generosamente como até nos ama infinitamente. Mas é um conforto porque temos alguma medida do amor de Deus, medida que é mais difícil ter com o termo «infinitamente». O leitor deixe-se envolver no calor deste conforto.

Sáb, 10 – SEMANA III DA QUARESMA

Os 6, 1-6 / Slm 50 (51), 3-4.18-21 / Lc 18, 9-14

Se Ele nos feriu, Ele nos curará. (1ª Leit.)

Também podíamos dizer: «ferimo-nos, Ele nos curará». Deus cura-nos mesmo das feridas que infligimos a nós próprios. Deus cura-nos das consequências espirituais do nosso pecado, o que nos torna mais fortes, mais sólidos. Só quer que nós Lhe entreguemos as nossas forças. Que não nos fiemos nas nossas forças, mas que lhas entreguemos, e Ele trata de nós. Ele dá-nos umas forças suaves, que não precisam de voluntarismo. Hoje, o leitor reze por isso.

Dom, 11 – Domingo IV da Quaresma – Ano B

2 Cr 36, 14-16.19-23 / Slm 136 (137), 1-6 / Ef 2, 4-10 / Jo 3, 14-21

É necessário que o Filho do Homem seja elevado «para que todo aquele que acredita tenha n'Ele a vida eterna. Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas *tenha a vida eterna*». Com estas palavras, Jesus permite que conheçamos a verdadeira dimensão do Amor de Deus por cada um de nós, seus filhos. Deus é este abismo de amor que Se quer comunicar, que Se quer dar ao mundo inteiro.

Jesus não Se cansa de repetir, usando palavras diferentes, que Deus é Amor, que Deus nos ama, que ama cada um de nós de tal maneira que entrega o seu próprio Filho para que possamos conhecer a vida. A vida eterna não

é simplesmente uma vida muito longa, mas é a vida plenamente feliz, é aquela vida que, no fundo, todos nós desejamos e nos parece inalcançável. Este é o desejo de Deus para cada um de nós: que sejamos felizes, plenamente felizes, que tenhamos a *vida em abundância*. O Sonho de Deus é que levemos a cumprimento a nossa realidade, que a nossa humanidade não seja incompleta, triste e solitária, mas plena, feliz e em comunhão. A salvação, a felicidade, a vida abundante que nos promete Jesus não é o resultado dos nossos esforços heroicos, mas é dom *gratuito* do Pai da Vida, do Senhor que é Amor. É Ele que, no Filho Unigénito, nos oferece não só o título de *filhos de Deus*, mas de o sermos

realmente. Somos Filhos de Deus. Temos Pai!

Quem crê no Filho é gerado pelo Pai, nasce do Espírito, participa da vida de Deus, isto é, do Espírito Santo, que é o amor entre o Pai e o Filho. Esta passagem quer curar-nos das nossas pretensões de nos salvarmos a nós mesmos. Ninguém se salva a si mesmo. Só Cristo salva. E já o fez de uma vez por todas, entregando-Se por nós, no nosso lugar.

O mandamento fundamental que recebemos é o mandamento do Amor. Mas nós não sabemos amar, sozinhos acabamos por ficar centrados nos nossos problemas, nas nossas dificuldades, nas nossas dores que, mesmo sendo reais e verdadeiras, não são toda

a realidade nem toda a verdade. A nossa realização, a nossa felicidade está precisamente na capacidade *divina* de amar. A tentação quer que amemos as trevas e não a luz, por isso convence-nos que devemos primeiro pensar em nós mesmos e depois, quando os nossos problemas estiverem resolvidos, poderemos livremente amar os outros. Mas é isto mesmo que são as trevas.

O amor é luminoso! Quem ama está na luz e olha para fora de si. Procura o outro, seu irmão, sua irmã, porque sabe que são filhos e filhas de Deus. É assim que Jesus vive: preocupado com a felicidade, com a paz, com a vida de cada um dos seus irmãos. É assim que Ele nos convida a viver. Amando.

Seg, 12 - SEMANA IV DA QUARESMA

Is 65, 17-21 / Slm 29 (30), 2.4-6.11-12a.13b / Jo 4, 43-54

Se não virdes sinais... (Evang.)

Todos nós gostamos de sinais. Todos nós gostamos de coisas palpáveis. Todos nós gostávamos que Deus nos desse sinais do seu amor e da sua proteção. E Ele dá e nós vemos. Os fariseus é que não os viam, porque não os queriam ver. Hoje, rezemos por todas as pessoas que não veem os sinais de Deus.

Ter, 13 - SEMANA IV DA QUARESMA

Ez 47, 1-9.12 / Slm 45 (46), 2.3.5.6.8.9 / Jo 5, 1-3a.5-16

Dai-me de novo a alegria da vossa salvação. (Do Aleluia)

Aqui pedimos a Deus o dom da alegria (da salvação). Tudo o que vem de Deus deve conduzir à salvação da nossa alma e, já agora, da alma dos outros. É muito importante andarmos alegres, de cabeça erguida, contentes com a vida, connosco e com Deus. (Sim, porque podemos não andar contentes com Deus.) Isto porque não se consegue amar tristemente. E o cristão nasceu para o amor. O leitor, para que é que nasceu?

Qua, 14 - SEMANA IV DA QUARESMA

Is 49, 8-15 / Slm 144 (145), 8.9.13cd.14.17.18 / Jo 5, 17-30

... e tem compaixão dos seus pobres. (1ª Leit.)

Deus tem compaixão dos pobres através do leitor. (E através das outras pessoas.) Hoje, sugiro ao leitor que proponha algum gesto de solidariedade a um amigo seu ou a um familiar que não seja o cônjuge. Eu acho que é uma coisa difícil de fazer. Temos de arranjar um contexto. Pode ser que o leitor cause um pretexto, iniciando uma cadeia de favores. O leitor veja o que a sua imaginação e o Espírito Santo lhe sugerem.

Qui, 15 - SEMANA IV DA QUARESMA

Ex 32, 7-14 / Slm 105 (106), 19-23 / Jo 5, 31-47

É um povo de dura cerviz. (1ª Leit.)

O leitor peça para não ter uma cerviz dura, para se submeter a Deus com humildade. Para, na sua humildade, acolher Deus de boa vontade. Acolher a inspiração do Espírito Santo. Ser capaz de contemplar as maravilhas que Deus faz no outro. No seu companheiro de trabalho, de comunidade religiosa. O leitor pense numa destas pessoas e agradeça.

Sex, 16 - SEMANA IV DA QUARESMA

Sab 2, 1a.12-22 / Slm 33 (34), 17-21.23 / Jo 7, 1.2.10.25-30

... até a sua vista nos é insuportável. (1ª Leit.)

Há pessoas cuja vista é insuportável a outras. Às vezes, é a sua bondade que nos acusa e nos irrita. Já tenho visto exemplos destes. Outras vezes, são essas pessoas que não ajudam muito: alardeiam relações (que nós

não temos), conhecimentos (que nós não temos) e fazem-nos sentir inferiores. Pelo menos, nesses pontos. Ora, o que nós temos de fazer é cultivar uma boa relação com Deus. Se nos sentirmos amados por Deus e se nos amarmos a nós próprios, a riqueza dos outros deixa de nos ferir.

Sáb, 17 – SEMANA IV DA QUARESMA

Jer 11, 18-20 / Slm 7, 2.3.9bc-12 / Jo 7, 40-53

Acaso a nossa Lei julga um homem sem antes o ter ouvido? (Evang.)

É difícil não dizer mal de ninguém quando temos a lucidez suficiente para nos apercebermos dos defeitos dos outros ou, ainda mais, quando somos incomodados por eles. Mas é aí que se prova o nosso amor ao irmão, porque o amor muito mais facilmente perdoa os defeitos ao amado do que àquele com quem se antipatiza. É, pois, preciso amar para desculpar mais facilmente. O leitor já sabe o que tem de fazer para não dizer mal.

Dom, 18 – Domingo V da Quaresma – Ano B

Jer 31, 31-34 / Slm 50 (51), 3-4.12-15 / Hebr 5, 7-9 / Jo 12, 20-33

Fala-se muitas vezes da glória de Deus. Às vezes, dizemos que Jesus foi glorificado pelo Pai. Mas o que significa isto? *Onde está* a glória de Deus? Onde e como se manifesta?

No Evangelho deste domingo, «uns gregos» vão ter com Filipe e pedem-lhe para ver Jesus. Filipe e André vão dizer isto a Jesus, que dá uma resposta desconcertante: «Chegou a hora de se revelar a glória do Filho do Homem».

Estamos no fim da vida pública de Jesus e começa a sua Paixão. *Chegou a hora*, a hora decisiva, a hora para a qual Ele veio ao mun-

do; a hora em que se manifesta a nossa salvação, a hora da manifestação da glória de Deus. As multidões em festa tinham recebido o Senhor, montado num jumentinho, gritando «Hossana!», mas ainda não tinham percebido nada acerca de quem é o Senhor. Ainda pensavam na glória em termos humanos, a glória daqueles que ganham, o que pressupõe que outros perdem. Não é assim a glória de Deus.

Estes *gregos* que querem ver Jesus representam cada um de nós, estrangeiros ao povo de Israel, mas

que queremos ver o Senhor. Não é só para os Judeus, os membros do *Povo Eleito*, que o Messias Se faz um de nós, mas para todos os que O buscam. A sua resposta percebe-se do alto da Cruz. É este o seu trono de glória; é daqui que o Senhor reina e salva todos nós. É sendo «elevado» na cruz, levantado da terra, que chega a hora do Filho do Homem, em que o amor por cada um de nós, seus irmãos, revela o Amor do Pai.

A cruz é o lugar dos derrotados. Como pode ser a manifestação da Glória? Na cruz, lugar de tortura, de dor e de morte, mostra-se a característica mais importante do amor: a humildade. Cristo que Se faz último para que ninguém se perca. Jesus glorificado porque ama até ao fim, até às últimas consequências. Não escapa, não foge. Mostra-nos a profundidade do

mistério, a fecundidade do grão de trigo, pequenina semente que, morrendo, dá muito fruto.

Quem não ama fica sozinho, preocupado consigo mesmo. O egoísmo é estéril: se um grão de trigo não quisesse morrer, ficaria sozinho, perderia as suas qualidades de semente. Assim se passa com o Amor. Quando se diz *quem ama a sua vida perde-a* significa exatamente isto: quem está preocupado só consigo e com as suas coisas, ainda não vive no amor. Mas quem ama, isto é, quem vive a sua vida preocupado com os outros, dá muito fruto. É a isto que somos todos chamados: a dar frutos de amor, e não existe amor sem serviço. Porque Deus é Amor e o amor manifesta-se no serviço, quem vive em atitude de serviço, amando, é presença de Deus no meio de nós e a sua vida será fecunda.

Seg, 19 – S. JOSÉ, ESPOSO DA VIRGEM SANTA MARIA (Solenidade)

2 Sam 7, 4-5a.12-14a.16 / Slm 88 (89), 2-5.27.29 / Rom 4, 13.16-18.22 / Mt 1, 16.18-21.24a ou Lc 2, 41-51a

Esperando contra toda a esperança, Abraão acreditou... (2ª Leit.)

Há situações em que devemos acreditar contra toda a esperança. Quando já nos sentimos no limite, acreditamos contra toda a esperança e abre-se uma luz, uma porta. Revela-Se Deus. Revela-se o amor de alguém, alguém nos dá a mão, um prazo é dilatado, «afinal, tínhamos tempo», «afinal, conseguimos». É Deus que dá uma mãozinha. (E quantas vezes não a sentimos!) Hoje, o leitor agradeça.

Ter, 20 – SEMANA V DA QUARESMA

Num 21, 4-9 / Slm 101 (102), 2.3.16-21 / Jo 8, 21-30

E o povo que se há de formar louvará o Senhor. (Salmo)

Podemos pensar em louvar o amor porque Deus é o Amor. Não estamos habituados a ver o amor como uma pessoa. De facto, o Amor são três pessoas, é o Deus trinitário. Tudo o mais a que nós chamamos amor, ou não é amor, ou é participação deste Amor. Mas louvar o amor em si não parece soar muito bem. Já parece melhor se tivermos em mente esta identificação do amor com Deus. Assim, estamos a louvar o amor que Deus é. O leitor experimente louvar o Amor.

Qua, 21 – SEMANA V DA QUARESMA

Dan 3, 14-20.91.92.95 / Dan 3, 52-56 / Jo 8, 31-42

Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. (Evang.)

A verdade, no Evangelho de S. João, é Cristo. Cristo (e o Deus trinitário) é a verdade absoluta. O pecado é a mentira. Até se diz que Satanás é o Pai da Mentira. No nosso caminho para a Verdade vamos ficando mais verdadeiros. E o que será sermos mais verdadeiros? É sermos mais coerentes com o conteúdo das nossas orações. Cada vez mais coerentes, até chegarmos a ser coerentes. O leitor reze pela sua coerência.

Qui, 22 – SEMANA V DA QUARESMA

Gn 17, 3-9 / Slm 104 (105), 4-9 / Jo 8, 51-59

A ti (...) darei a terra em que tens habitado como estrangeiro. (1ª Leit.)

É toda uma caminhada até nos sentirmos completamente bem na terra que Deus nos destina. Até nos sentirmos pacificados na luta contra o pecado. Um dia, estaremos pacificados e essa luta será mais calma (se não o é já.) Um dia, chegaremos à terra prometida. Aqui, na terra, uma terra de paz. Depois o Céu, talvez passando pelo purgatório. Rezemos pela nossa paz interior.

Sex, 23 – SEMANA V DA QUARESMA

Jer 20, 10-13 / Slm 17 (18), 2-7 / Jo 10, 31-42

... possa eu ver o castigo que dareis a essa gente. (1ª Leit.)

Quando uma pessoa nos magoa, ficamos irritados com essa pessoa e cheios de sentimentos negativos. Mas temos de pensar em perdoar e em rezar por essa pessoa. O que, no momento em que as coisas acontecem, é muito difícil. Daí que tenhamos de pensar nestes assuntos «a frio». Temos de pensar que, quando nos magoam, nos temos de esforçar por esquecer e não alimentar rancores. Este é o primeiro passo. O leitor compenetre-se.

Sáb, 24 - SEMANA V DA QUARESMA

Ez 37, 21-28 / Jer 31, 10.11-12ab.13 / Jo 11, 45-56

Serei o seu Deus e eles serão o meu povo. (1ª Leit.)

O leitor pense em começar o dia com esta certeza: «eu sou de Deus e Deus é só meu». Seria um sentimento quente, de aconchego e de grande orgulho. (Bom orgulho.) Mas o leitor repare que este raciocínio é válido. Deus é só do leitor porque Deus não Se divide; Deus dá-Se inteiramente ao leitor. Deus dá-Se inteiramente a mim. Deus dá-Se inteiramente a outra pessoa. Deus dá-Se indivisamente a cada pessoa. De maneira que, de facto, Deus é só e totalmente do leitor.

Dom, 25 - Domingo de Ramos na Paixão do Senhor - Ano B / Dia da Juventude

Is 50, 4-7 / Slm 21 (22), 8-9.17-20.23-24 / Filip 2, 6-11 / Mc 14, 1 - 15, 47

Estando Jesus em casa de *Simão, o Leproso*, em Betânia, eis que uma mulher vem e parte um frasco de «*perfume de nardo puro de alto preço*». Algumas pessoas ali presentes exclamam, indignadas: «*Para que foi esse desperdício de perfume? Podia vender-se por mais de duzentos denários e dar o dinheiro aos pobres*». Assim começa o Evangelho deste Domingo, que nos narra integralmente a Paixão do Senhor e que

abre a Semana Santa.

Na verdade, diante da narrativa da Paixão do Senhor vem-nos naturalmente a pergunta: *para quem este desperdício (de amor, de vida)? Não podia o Senhor ter-Se poupado um pouco mais? Porquê este desperdício de uma morte assim? Para quem este excesso na entrega do Senhor? Será que Ele não poderia ter feito isto de maneira diferente?*

S. Marcos começa a narrativa da *Paixão* com esta delicada introdu-

ção para nos alertar que só quem se abre a este *excesso exagerado de Amor* que é o nosso Deus pode ver para além da dor, para além do sofrimento cruento, para além da tragédia e entrar no mistério do Amor de Deus. Jesus, contra as vozes que condenam o ato desta mulher, aparentemente sem sentido e tão caro, aprova sem hesitar o seu gesto delicado, um gesto de amor, um gesto de reconhecimento que só quem ama pode compreender.

No processo da condenação de Jesus vemos a multidão cega e irada que, contrariamente a esta mulher, grita «Crucifica-O». Gritamos: «crucifica-O» àquele que mais não fez do que servir. Deus não procura dominar, não é um poderoso aos nossos olhos. Mete-Se na nossa mão e ajoelha-Se para nos lavar os pés, mas não O reconhecemos. Como é fácil condenar aqueles que servem, como é fácil atacar os humildes.

O Sinédrio, o poder religioso, condenando Jesus por «blasfémia» confirma quem Ele é: «És Tu o Messias, Filho do Deus bendito?», pergunta-Lhe o Sumo Sacerdote. «Eu Sou», responde Jesus. Diante de Pilatos, poder político, confirma a nossa salvação, assumindo-Se como nosso Rei. Aqui aparece Barrabás. Figura inquietante. Porque aparece aqui este homem? Quem é

Barrabás? Em hebraico, este nome significa simplesmente «filho do pai». É o nome que se dá aos filhos de pai desconhecido. Filho de ninguém, homicida, preso em cadeias, condenado, sem esperança de ser libertado, à espera da morte. Este é o *Homem*, imagem de cada um de nós, espelho para cada um de nós. Com o pecado, ignoramos o nosso Pai, esquecemos de quem somos filhos, esquecemo-nos de que somos irmãos e irmãs e, por causa do pecado que nos «obriga» a pensar em nós mesmos, estamos preocupados primeiro com as nossas coisas, com as nossas dificuldades, com os nossos projetos individuais... Pelo pecado, vivemos uns contra os outros, procurando afirmar a nossa razão, presos numa cadeia que nos impede de ser aquilo que o Senhor é e sonha para nós: amor que se exprime no serviço. O pecado que nos impede de servir, que nos aprisiona nos nossos interesses. Assim fechados em nós mesmos, nem percebemos que, condenando os mais frágeis, ignorando-os, estamos, com a nossa vida, a gritar «Barrabás».

... E Jesus dá a vida por Barrabás... Dá a vida por cada um de nós, que ignoramos quem é realmente o nosso Pai. Ele dá a vida para que nos possamos libertar

das amarras e das cadeias do pecado que nos impedem de ver o mundo como um lugar de beleza e de amor e nos amarram aos nossos interesses, impedindo-nos de servir os nossos irmãos, impedindo-nos de reconhecer o nosso Pai.

Jesus assume tudo o que somos e toma o nosso lugar na fila da morte para que possamos ser assumidos por Ele e, com Ele, ser recebidos na Vida; para que possamos ser filhos no Filho, reconhecendo em Deus o nosso Pai.

Seg, 26 - SEGUNDA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 42, 1-7 / Slm 26 (27), 1-3.13-14 / Jo 12, 1-11

Tendo a bolsa comum, tirava o que nela se lançava. (Evang.)

A vida é feita com as contribuições de todos e delas todos recebem. Hoje é tempo de vermos como contribuimos para a nossa família, para os nossos amigos, para a nossa comunidade religiosa, para a sociedade. (Nalgum aspeto, em vários aspetos.) Porque há pessoas que contribuem muito, se calhar demais, e há pessoas que talvez contribuam de menos. Não sei... O leitor é que vê como contribui. Hoje, faça esse exame de consciência.

Ter, 27 - TERÇA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 49, 1-6 / Slm 70 (71), 1-4a.5-6ab.15ab.17 / Jo 13, 21-33.36-38

O predileto de Jesus estava à mesa... (Evang.)

O facto de Jesus ter um predileto não nos deixa um bocado perplexos? Parece que Jesus devia amar os apóstolos por igual, manter uma certa equidistância. Mas não, Jesus tinha um predileto. A questão não é ter-se um predileto. É como se trata as pessoas e em que circunstâncias. Jesus não deu as chaves do Reino ao predileto. Por seu lado, este «predileto» foi o único que esteve com Jesus na cruz. Ter predileção por alguém não é, por si, mau. É mau se vai ferir outros. Mas os outros também podem ser os prediletos de outras pessoas. O importante é estarmos bem na nossa pele.

Qua, 28 - QUARTA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 50, 4-9a / Slm 68 (69), 8-10.21bcd-22.31.33-34 / Mt 26, 14-25

O Senhor (...) não despreza os cativos. (Salmo)

Nós podemos não desprezar os presos, mas algumas vezes não os achamos bem iguais a nós. São um mundo à parte. Mas não são um mundo à parte como a família real britânica. São um mundo à parte que olhamos um bocado de cima para baixo. Hoje, rezemos para que Deus nos tire a presunção e o complexo de casta.

TRÍDUO PASCAL

Qui, 29 – Quinta-Feira Santa

Ex 12, 1-8.11-14 / Slm 115 (116), 12-13.15-18 / 1 Cor 11, 23-26 / Jo 13, 1-15

Entramos hoje no Tríduo Pascal que nos conduzirá, através da Paixão do Senhor, à glória da sua ressurreição. Este é o núcleo central da nossa fé, do Mistério da Salvação.

Para nos introduzir no mistério da Eucaristia, que hoje meditamos de modo particular, a Igreja propõe, todos os anos, que meditemos e rezemos o texto do *Lava-pés*. Esta ação simbólica de Jesus, que nos mostra que a nossa realização está no serviço, porque somos imagem e semelhança d'Aquele que serve, é o princípio e o fundamento da segunda parte do Evangelho de S. João.

Com um início muito solene, o narrador diz-nos que o Senhor,

sabendo que tinha chegado a sua hora, leva o amor até ao *extremo*, isto é, até ao seu *cumprimento definitivo*. Vemos, nos gestos do Senhor, o amor realizado. É Ele quem nos diz que o amor se realiza no serviço: este não é simplesmente um sinal do amor, mas é a sua realização efetiva na nossa vida. Lavar os pés é representativo de todo o serviço no qual o amor se torna real.

Esta é a hora do amor perfeito que se realiza totalmente na cruz. Esta é a hora da glória de Jesus, em que *tudo está cumprido*. E também nós, Igreja, corpo de Cristo, somos chamados a levar o amor até ao fim, a realizar na nossa vida o Amor que é Deus em nós, servindo.

Sex, 30 – Sexta-Feira Santa

Is 52, 13 – 53, 12 / Slm 30 (31), 2.6.12-13.15-17.25 / Hebr 4, 14-16; 5, 7-9 / Jo 18, 1 – 19, 42

«*Tudo está consumado*». Estas são as últimas palavras de Jesus, depois

de ter dado tudo, amando até ao fim. Cumpre a sua vida. Revelan-

do a glória do Amor, entrega-Se ao Espírito que agora, pela sua entrega, também nós conhecemos. A Boa Notícia, o Evangelho, é que o Espírito Santo, que é a Vida de Deus e que com Jesus Cristo e o Pai forma um só Deus, é a mesma Vida que nos é oferecida. Somos habitados pelo Espírito Santo e isto significa que também em nós habita a vida de Deus. Também nós somos amados pelo Pai com o mesmo amor com que Ele ama o Filho.

A morte de Jesus não é o seu fim! É o atingir da plenitude da sua vida, é o completar-se daquilo que Ele é; é a plenitude do amor que assim é totalmente realizado. Ele não Se deixou enganar, não acreditou na tentação que a todos tenta convencer que a *vida deste mundo* é

a única coisa importante: Ele bem sabia que *esta vida* é um dom e que um dom não se desperdiça, mas sabia também que *esta vida* é uma peregrinação, tem uma meta e é realizada na medida em que realizamos em nós essa mesma meta. Assim, Ele viveu com o coração centrado no essencial e por isso mesmo levou ao cumprimento total a sua vida, amando até ao extremo.

Esta é a hora do Senhor, a hora da glória do Filho de Deus, a hora da nova criação. Jesus, dando a sua vida, entregando o seu Espírito ao Pai, dá-nos a vida, realiza para nós o reino de Deus. Leva toda a criação ao seu cumprimento definitivo, liberta-nos para sempre, fazendo de nós comunidade de irmãos e irmãs unidos num só corpo, o Corpo de Cristo.

TEMPO PASCAL

Sáb, 31 – Sábado Santo – Vigília Pascal – Ano B

Gen 1, 1 – 2, 2 / Gen 22, 1-18 / Ex 14, 15 – 15, 1 / Is 54, 5-14 / Is 55, 1-11 / Bar 3, 9-15.32 – 4, 4 / Ez 36, 16-17a.18-28 / Rom 6, 3-11 / Mc 16, 1-7

Ontem, na Cruz, víamos Cristo carregado com a mentira, com o mal, com todo o pecado deste mundo. Agora vemos entre nós o Ressuscitado, o *homem realizado*, a humanidade cumprida. Cristo

ressuscitado mostra-nos a meta da peregrinação da nossa vida; mostra-nos o «*fim dos tempos*», a comunhão dos santos e como seremos também nós quando o Amor for tudo em todos. Mostra-

-nos aquilo que S. João descreve no livro do Apocalipse: a praça de ouro da Jerusalém Celeste, a meta para toda a humanidade.

«Jesus, o Nazareno, o Crucificado, ressuscitou, não está aqui!», exclama o jovem vestido de branco. Este é o grito do dia de Páscoa. O grito da vitória do Amor sobre a morte. O grito que sai do túmulo e ecoa por todo o mundo e todos os tempos, até aos confins do Cosmos, até aos confins da história.

Este é o centro da nossa fé. É este o anúncio que os primeiros cristãos não podiam calar dentro de si. *Cristo está vivo! Ele ressuscitou! Aquele que esteve pendurado na cruz, aquele que foi depositado num sepulcro está vivo! Venceu a morte!*

O Evangelho desta Vigília Pascal, a mais importante vigília do calendário litúrgico, narra-nos a experiência da manhã de Páscoa: as mulheres que tinham contemplado a cruz escutam agora o anúncio, veem o Senhor e recebem a importante missão de ir anunciar a Boa Nova: o Senhor está vivo. Não é só para consolar os seus

amigos que Ele aparece, mas para que estes, partindo para a Galileia, isto é, para a vida do dia a dia, da normalidade do quotidiano, sejam, no concreto das suas vidas, enviados a anunciar a todos os povos que Cristo está vivo.

Estas mulheres que foram ao sepulcro recebem de imediato a missão de ir anunciar aos irmãos o sucedido porque todo o Evangelho nos indica a missão de irmos anunciar que o Senhor está vivo e presente na nossa vida de cada dia. É assim que realizamos a nossa vocação de filhos, é assim que estamos com Ele todos os dias da nossa vida, é assim que levamos até ao fim a missão de Jesus. É no encontro com os outros que se encontra o Outro. É amando que se encontra o Amor. Amando os irmãos, somos animados pela mesma Vida que anima Jesus Cristo.

O sepulcro está vazio. O Senhor não está ali, mas estará sempre nos irmãos, no mais pequeno dos nossos irmãos, e poderemos encontrá-Lo sempre que vamos ao encontro deles.